



REBENA

Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368

Volume 8, 2024, p. 174 - 184

<https://rebena.emnuvens.com.br/revista/index>

Entre o brincar e o aprender: a importância da ludicidade na inclusão do aluno autista nos anos iniciais do ensino fundamental

Between playing and learning: the importance of playfulness in the inclusion of autistic students in the early years of elementary school

Antonio Wadan Gomes Cavalcante¹ Cristiana Capistrano²

Submetido: 01/02/2024 Aprovado: 15/03/2024 Publicação: 04/04/2024

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre a importância da inclusão da criança autista nos anos iniciais do ensino fundamental a partir de uma perspectiva lúdica aplicada ao contexto escolar. Para tanto, toma-se como embasamento para corroborar com esta pesquisa, os estudos de: Bacelar (2009), Brasil (1988), Oliveira (2020), entre outros. Dessa forma, essa pesquisa tem como objetivo geral, investigar a importância das atividades lúdicas no processo de construção do conhecimento da criança autista nos anos iniciais e, como objetivos específicos: elucidar as contribuições positivas do lúdico no processo de ensino e aprendizagem de crianças autistas, ainda, enfatizar a importância do conhecimento acerca da ludicidade no processo de formação do professor dos anos iniciais, a partir de uma pesquisa de cunho qualitativa tendo como base coleta de dados realizada em campo. Contudo, concluímos que a ludicidade pode trazer muitos benefícios na educação do aluno autista e, desse modo, contribui de maneira significativa no processo de desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Portanto, no que tange a formação do professor, evidenciamos que seja profícuo promover estratégias pedagógicas pensadas, alinhadas e adaptadas de acordo com as singularidades dos sujeitos, em que acolham todos e consigamos alcançar a desejada inclusão escolar.

Palavras-chave: Autismo. Educação Especial. Ludicidade.

ABSTRACT

This research deals with the importance of including autistic children in the early years of elementary school from a playful perspective applied to the school context. To this end, the following studies were used: Bacelar (2009), Brasil (1988), Oliveira (2020), among others. Thus, the general objective of this research is to investigate the importance of playful activities in the process of building the knowledge of autistic children in the early years and, as specific objectives: to elucidate the positive contributions of playfulness in the teaching and learning process of autistic children, and to emphasize the importance of knowledge about playfulness in the process of training teachers in the early years, based on a qualitative research based on data collection carried out in the field. However, we concluded that playfulness can bring many benefits to the education of autistic students and thus contributes significantly to the development process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). Therefore, with regard to teacher training, we believe that it is useful to promote pedagogical strategies that are designed, aligned and adapted according to the singularities of the subjects, in which everyone is welcomed and we can achieve the desired school inclusion.

Keywords: Autism. Special education. Playfulness.

¹ Mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio. Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE. wadan.cavalcante@uece.br

² Universidade Estadual do Ceará – UECE. francisca.capistrano@aluno.uece.br

1. Introdução

O estudo em tela apresenta como temática precípua, a importância da ludicidade na inclusão do aluno autista nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo de discutir essa temática, é apresentar as diversas maneiras de brincar como ferramenta pedagógica importante no processo de inclusão do aluno autista, dando ênfase nas práticas lúdicas e o quanto elas podem contribuir na e para a aprendizagem de alunos com autismo.

As práticas lúdicas são ferramentas que podem trazer muitos benefícios e, desse modo, contribuir de maneira positiva no processo de desenvolvimento do aluno, além de evidenciarem o quanto as crianças podem aprender de forma prazerosa por meio dessas vivências que são as atividades lúdicas. No entanto, é válido ressaltar que o processo de cada criança que vive essa experiência é diferente e único e deverá estar relacionado com sua história de vida, é uma vivência intrínseca de cada sujeito. O ato de brincar na escola, muitas vezes, ainda é incompreendido por muitos pais e até profissionais da educação, que entendem a ludicidade apenas como um “passatempo” e que o ideal é expor a criança, desde a mais tenra idade, a processos diretos de alfabetização e de letramento. Todavia, estudiosos dessa questão como Bacelar (2009), defende a importância das práticas lúdicas como atividades eficazes no desenvolvimento psicomotor das crianças, principalmente, de crianças autistas, e afirma que elas podem trazer inúmeros benefícios, além de tornar o aprender algo mais prazeroso.

Desta forma, buscar compreender e entender a importância da ludicidade para o desenvolvimento social e cognitivo de crianças autistas, parte do interesse em refletir sobre a inclusão de alunos autistas na escola, evidenciando, principalmente, os processos e as práticas lúdicas em sala de aula, proporcionando uma educação significativa para o desenvolvimento emocional, cognitivo, social e cultural. Os processos de ensino a partir de ferramentas lúdicas com alunos autistas, pode contribuir, consideravelmente, para o seu desenvolvimento integral, estimulando as relações afetivas e sociais a serem construídas no decorrer da sua vida, principalmente, nas relações e interações com o meio, conforme aponta (VYGOTSKY, 1991).

Além disso, por meio dessa ferramenta pedagógica, baseada em atividades lúdicas, os educadores poderão trazer contribuições que favoreçam o processo de alfabetização e letramento da criança autista, permitindo que crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA), participem das atividades de aprendizagem com os demais estudantes e que seja parte de um ambiente pedagógico inclusivo. Posto isso, esta pesquisa prospecta investigar qual a importância das atividades lúdicas no processo de construção do conhecimento e de inclusão da criança autista nos Anos Iniciais em uma escola pública municipal.

2. Educação inclusiva e os documentos oficiais: o que precisamos saber para incluir?

Muitas mudanças foram necessárias para a construção e a consolidação da educação inclusiva no Brasil, porém, ainda há muito o que ser discutido. A pessoa com deficiência, durante muitos séculos e até os dias atuais, ainda é vista por diferentes visões, e que sempre foram excluídas da sociedade e eram tidas como alguém fora de um padrão de “normalidade” que a sociedade impõe, esse conceito de padrão e normalidade surge a partir da teoria do estigma criada em 1975, por Goffman. Os debates em torno da educação inclusiva projetam a construção de um sistema de ensino que inclua todos os sujeitos, e que implica a reorganização da escola e das práticas pedagógicas, de forma a garantir o acesso, a permanência e condições que favoreçam o pleno desenvolvimento de todas as crianças, procurando sempre repensar práticas pedagógicas que atendam às necessidades de todos, de acordo com suas especificidades.

Neste sentido, a educação especial é uma modalidade de ensino que tem como objetivo garantir o direito à educação para todas as crianças, ou seja, o acesso, a permanência e a inclusão de todos. Com efeito, busca-se primar por uma inclusão que dê vazão às necessidades específicas de aprendizagem de cada estudante, por isso a necessidade de:

[...] garantir a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida. (Brasil, 2001, p. 20).

Diante disso, a Constituição Federal ressalta em seu Artigo 205 que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. Posteriormente, no Artigo 206, estabelece a igualdade de condições e permanência na escola. O atendimento educacional especializado à pessoa com deficiência também é oferecido na rede regular de ensino, garantido também pela Constituição no Artigo 208, inciso III. “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (Brasil, 1988).

Com efeito, a Constituição Federal garante a todos os indivíduos a regularidade no ensino, com base no princípio de igualdade, em que todos têm os mesmos direitos. Assim sendo, todo cidadão tem o direito de estar matriculado no ensino regular e a escola tem o dever de matricular, não devendo distinguir nenhuma pessoa devido a sua deficiência. Ainda nessa tangente, podemos compreender a educação inclusiva como sendo um:

[...] conjunto de princípios e procedimentos implementados pelos sistemas de ensino com a finalidade de adequar a realidade das escolas à realidade do educando, onde essa deve representar toda a diversidade humana. Nenhum tipo de aluno deve ser rejeitado por parte das escolas. Nesse caso, as escolas passam a ser denominadas de inclusivas a partir do momento em que decidem aprender com os educandos que deve ser eliminado, mudado substituído ou acrescentado nas seis áreas de acessibilidade, para que cada

aluno possa aprender de acordo com seu estilo de aprendizagem, fazendo uso de suas múltiplas inteligências (Sasaki, 2013, p.15).

Portanto, a prática da educação inclusiva exige que o professor lance mão de novas estratégias e abordagens de ensino que visem a inclusão de todos, para tanto, faz-se necessário um maior tempo pedagógico de planejamento dessas atividades, devemos, pois, levar em consideração que antes mesmo de incluí-los, temos que levar em questão os objetivos dessa inclusão, não apenas incluir porque a legislação trata desta maneira este tema, mas incluir para garantir a aprendizagem de todos.

3. Fundamentação Teórica

Nos dias atuais, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é especificado como um transtorno do neuro desenvolvimento que envolve algumas dificuldades ao decorrer da vida nas aptidões sociais e comunicativas – caso não ocorra nenhuma intervenção – além daquelas atribuídas ao retardo global do desenvolvimento comportamental e também reverbera suas características em atividades limitadas e repetitivas (BOSA, 2006). Desta forma, o autismo é definido como um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde a tenra idade, tipicamente, antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano, tais como: comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação (MELLO, 2007).

De acordo com Santos e Bueno (2015) embora a incidência de autismo seja relativamente alta, somente em 1993 a síndrome foi incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS). A demora da inclusão do autismo nesta categoria, reflete o pouco conhecimento sobre o assunto. As causas do autismo ainda são pouco desconhecidas, o tratamento mais apropriado envolve escolas e uma equipe multiprofissional conscientes do papel agregador e inclusivo que os sujeitos exercem, principalmente, de cunho pedagógico e, acima de tudo, o apoio e aceitação da família.

Ao refletirmos sobre os processos de aprendizagem da criança, no processo de ensino no atual contexto, com metodologias expositivas, torna-se cada vez mais urgente se pensar na importância do lúdico e no que ele pode contribuir e proporcionar para a construção do conhecimento dos alunos com necessidades específicas de aprendizagem, especialmente, crianças autistas. Sendo assim, de acordo com Santos (2007) compreende-se ludicidade como sendo:

[...] uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (SANTOS, 2007, p.60)

É importante ressaltar que o lúdico tem um papel amplo e vai muito mais além dos jogos, brincadeiras e lazer. Bacelar (2009) defende a concepção de que a brincadeira e demais atividades

na Educação Infantil precisam ser para a criança uma experiência de vivência do estado lúdico, pois, assim, essa experiência auxiliará para o desenvolvimento emocional, cognitivo e psicomotor da criança de maneira saudável. De acordo Bacelar (2009), o sujeito ao nascer traz estruturas mentais a serem desenvolvidas, e por meio das suas experiências vivenciadas, institui interações de fatores internos e externos, ou seja, cada sujeito vivencia seu estado lúdico de forma interior e individual, mas que as suas experiências estão associadas com o social, em interação com o meio em que está inserido, trazendo contribuições significativas para uma prática educativa mais eficaz.

A ludicidade vivenciada de forma bem-sucedida, resultará em experiências positivas no processo de desenvolvimento da criança autista. Essa experiência é única de cada sujeito e se processa internamente, trazendo contribuições no modo de agir e na compreensão do contexto ao seu redor. Ao passo que a criança autista vai tendo contato com objetos que o ajudem a entender e a compreender o mundo a sua volta, o professor tem a oportunidade de engatar, durante a atividade lúdica, outras situações que ajudem o aluno a desenvolver as demais habilidades, a saber: comunicação, coordenação motora, relação com o meio e interação com as pessoas e objetos, manipulação de acessórios e objetos. Para Vygotsky (1991) a criança é um ser ativo que inventa e constrói desenvolvendo assim o seu entendimento e as múltiplas capacidades na resolução de pequenos problemas, como encaixar um objeto no outro, posicionar os materiais de maneira correta, organização, entre outras possibilidades.

É no mundo imaginário e ilusório, presente na criança que o jogo acontece, sendo este baseado na imaginação que, conseqüentemente, surge da ação, assim a criança imagina, e quando imagina, jogar, pois neste imaginar ela cria um mundo de atividades lúdicas que possibilitam a ação do jogo (Vygotsky, 1991. p. 18).

O trabalho com os jogos é uma possibilidade lúdica que traz muitos benefícios no desenvolvimento social e afetivo da criança, ao passo que ela interage com os objetos que o cercam, a criança autista poderá mover aspectos relacionados ao pensamento, como por exemplo, o ato de encaixar, organizar, separar, fazer escolhas de objetos para realizar uma ação, pedir ajuda, entregar algum material para outro colega, dividir o brinquedo com alguém, são algumas situações que o ato de brincar na aula lúdica pode ofertar ao estudante autista. Nessa tangente, cabe ao professor mediar estratégias que estimulem a criatividade da criança, pois ao brincar a criança desenvolve a sociabilidade na interação com o outro, aprendendo a conviver e a respeitar. Sendo assim, o brincar vai muito além de uma pura diversão, é uma ação educativa, de socialização e de construção no seu desenvolvimento de suas habilidades.

Nesse viés, a ludicidade vivenciada internamente vai além da simples execução de uma atividade é, na verdade, a experiência vivenciada dessa ação de forma mais íntegra, uma vez que, a vivência se difere de uma atividade. A vivência da ludicidade é o estado interno que se processa enquanto o indivíduo realiza uma atividade, ou seja, a atividade lúdica como expressão externa, só

será vivenciada internamente se propiciar à criança a sensação de plenitude, prazer, alegria (BACELAR, 2009).

Segundo Kishimoto (2001), enquanto o sujeito brinca, sua atenção está concentrada na ação em si e não somente em seus resultados ou efeitos. Neste sentido, nos ensina Suzuki (2012, p.4) que as “vivências de fantasia e de realidade, experiências de autoconhecimento, bem como o conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro”, são artefatos interessantes e importantes que impactam, diretamente, no fazer pedagógico, no atendimento do sujeito. Para além dos resultados que se espera, é importante que o professor esteja atento ao desenvolvimento da criança durante o ato do brincar, a manipulação dos objetos, a maneira com que conduz e segura os brinquedos, as habilidades e o engajamento durante a atividade lúdica, são elementos imprescindíveis para registros e acompanhamentos do estudante durante a atividade, até mesmo para fins de avaliação.

Os educadores que priorizam o brincar em seus planejamentos, favorecem às crianças momentos de criatividade, autonomia, experimentação e aprendizagem significativa, ou seja, “no estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena”, conforme nos ensina Bacelar (2009, p. 25).

Em síntese, acredita-se o quanto é importante se ter educadores que reconheçam as potencialidades do ato de brincar em sala de aula, para assim, conseguir desenvolver um trabalho que, verdadeiramente, contribua na e para a aprendizagem do aluno. Com efeito, as habilidades e atitudes adequadas para o exercício de sua profissão, podendo estar mais seguros em relação ao fazer pedagógico com alunos autistas e, sobretudo, esclarecido que o brincar é importante para o desenvolvimento das crianças, estabelecendo assim metas educacionais de modo lúdico e prazeroso para seus alunos (MENDES, 2015).

4. Metodologia

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico, para subsidiar o nosso entendimento sobre a temática e compreendermos os aspectos que envolvem e tangenciam a educação especial e inclusiva, de modo mais específico, aspectos inerentes às crianças autistas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esse tipo de pesquisa nos permite empreender uma revisão de literatura e conforme se pode constatar que “a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses.” (Cervo; Bervian; Alves; 2007, p. 60). Para nutrir esse debate, buscamos suporte teórico no guia prático sobre o autismo (Mello, 2007) e em estudos sobre o lúdico, presentes em Bacelar (2009); Santos (2007); Vygotsky (1991), e em algumas legislações que determinam o acesso e a inclusão na educação, dentre outros campos teóricos de conceituação.

O trabalho também se caracteriza pela abordagem de cunho qualitativo e descritivo, em que o estudo qualitativo não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com a compreensão, com a interpretação dos fenômenos sociais, levando em consideração o significado que os outros dão às suas ações, o que impõem ao pesquisador uma abordagem hermenêutica (Gonçalves, 2001). A pesquisa descritiva “trata-se do estudo e da descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada.” (Cervo; Bervian; Alves; 2007, p. 62). Dessa forma, ao buscarmos entender como acontece a inclusão do estudante autista em uma escola e compreender o significado da importância dessa inclusão, evidencia-se as características qualitativas e descritivas.

Disto isso, o campo da pesquisa é uma instituição de ensino público localizada no distrito de Sucesso, pertencente ao município de Tamboril, no estado do Ceará, onde foram feitas visitas e observações na escola-campo. No que tange as observações realizadas na sala regular e sala de recursos, Atendimento Educacional Especializado (AEE), o intuito foi de perceber e compreender o significado e a importância das atividades lúdicas no processo de construção do conhecimento e de inclusão da criança autista nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de maneira pragmática. As observações feitas na escola-campo foram registradas em um diário de bordo que condensa e sistematiza as práticas observadas na instituição supracitada.

5. Resultados e Discussão

As observações nos ajudaram a compreender a complexidade que é processo de inclusão de alunos autistas na perspectiva de uma aula lúdica. Por outro lado, quando se tem profissionais docentes preparados, quando se tem apoio pedagógico por parte da gestão escolar e a família se faz presente no processo escolar do filho, o processo educativo de inclusão da criança pode se tornar uma prática natural, sem complexidades, mas também, é importante não deixar os processos perecerem por falta de recursos e de apoio, o professor, como agente responsável pela educação dos seus alunos, deve estar sempre atento e atualizado, o que exige a prática de ser um professor pesquisador e em permanente formação.

No dia 19/04/2023 foi observado a aula na sala de recursos (AEE) no contra turno vespertino, tendo duração de uma hora. A professora A.G.F. é bem dedicada ao seu trabalho, atende em média 9 alunos com necessidades específicas de aprendizagem, autistas, do 1º ao 5º ano, em que os horários são reservados para cada aluno, geralmente, o atendimento é agendado individualmente, pois assim ela acredita que pode dar uma atenção maior ao aluno, mas que acontecem também atendimentos em pequenos grupos de dois a três alunos, quando o atendimento é realizado em grupos, busca-se desenvolver questões como: relacionamento, cooperativismo, atenção e respeito. A sala de recursos da escola-campo é bastante lúdica, há a presença de muitos jogos

pedagógicos e nas paredes estão fixados diversos cartazes com sistema braile, alfabeto e números. A sala é bem ampla e ventilada, dispõe de tvs, notebooks e impressoras.

A cada semana é trabalhada uma temática diferente, os conteúdos e as atividades são direcionados para os alunos, levando em consideração suas especificidades, a professora tem o cuidado em sempre adaptar da melhor forma, para poder oferecer um acompanhamento de qualidade para os discentes, pois cada criança reage de forma diferente. No dia da observação a docente estava trabalhando sobre a alimentação saudável, as atividades são desenvolvidas de forma bem dinâmica enfatizando sempre a importância do lúdico, em que a criança aprenda de forma prazerosa e consiga se desenvolver integralmente.

A docente utiliza em suas práticas pedagógicas jogos educativos on-line em sites como o wordwall, em que são relacionados a temática trabalhada durante a semana. São utilizados também jogos didáticos como os de memória, bingos, alfabeto móvel, degrau, quebra-cabeça, bloco de montar, dentre outros. Também fazem o uso de tarefas impressas para reforçar em casa juntamente a família o que foi visto em sala entre outros materiais lúdicos que na maioria das vezes são confeccionados pela docente. Os seus planejamentos para as aulas durante a semana acontecem às sextas e sempre está participando de formações oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação (SME) e pelo Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado (NAPE). É importante salientar, que a professora atende uma grande demanda, pois se divide para poder estar fazendo atendimento em três instituições de ensino do município, pois as outras duas instituições não dispõem de uma sala de AEE.

No momento da observação, a docente estava atendendo uma criança autista do 1º ano A da sala regular, ela relata que o atendimento ao aluno é realizado uma vez por semana, alguns ela acompanha em torno de uma a duas horas no contra turno, mas tem algumas dificuldades por conta de algumas situações, entre elas, alunos oriundos da zona rural e que muitas vezes não podem vir em outro horário por conta do transporte escolar.

6. Considerações Finais

O Transtorno de Espectro Autista (TEA), traz muitos desafios para a inclusão escolar e social da criança, visto que também é um desafio para os professores. O ambiente escolar tem o dever de se adequar de acordo com as especificidades de seu alunado, ou seja, buscar estratégias que atendam e que possibilitem a inclusão verdadeira de todos. Diante do exposto, podemos ressaltar a importância que o lúdico tem sido quando se discute educação inclusiva, podendo trazer muitos resultados positivos à educação da criança autista. A utilização dos jogos, das brincadeiras podem ser grandes aliados na construção da aprendizagem, em que o docente precisa estar hábil para desenvolver esse trabalho, envolvendo a ludicidade nas atividades, proporcionando a essas crianças uma aprendizagem significativa.

É preciso, pois, termos em mente que, para que realmente as práticas lúdicas sejam concretizadas no âmbito escolar, há a necessidade de todo o envolvimento de um conjunto de sujeitos, onde cada um tem um papel de suma importância dentro do contexto escolar, para que essas ações sejam, verdadeiramente, efetivadas. Cabe aos professores, a família e toda a comunidade escolar, estarem todos mobilizados e sensibilizados no processo de inclusão do aluno com TEA.

Através da realização da pesquisa de campo, (observações, registros escritos, conversas com os sujeitos), foi possível perceber na prática como é o cotidiano em sala de aula com um estudante autista e o trabalho docente com os discentes dentro desse espectro. Durante as observações, constatamos também, que na sala regular, a professora regente não trabalha com frequência a ludicidade, sendo perceptível que o ensino a partir da ludicidade ainda se constitui como um desafio a ser superado. Ao contrário da professora do AEE, onde o lúdico é trabalhado com uma maior intensidade e frequência.

Por fim, ao concluir este trabalho sobre a importância da ludicidade na inclusão do aluno autista nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, lembramos que o objetivo geral da pesquisa foi atingido, a saber: investigar qual a importância das atividades lúdicas no processo de construção do conhecimento da criança autista nos anos iniciais. Dessa forma, como já exposto, evidenciamos que ainda há muito o que ser feito quando o assunto é inclusão de estudantes com alguma deficiência, principalmente, em uma estrutura e um contexto social em que muitas práticas escolares são resquícios do paradigma da integração.

É válido e também é necessário destacar que avançamos de maneira significativa nesta temática, as legislações que tangenciam e que pautam a educação de pessoas com deficiência tem contribuído para que esses sujeitos sejam visibilizados em diversos contextos, não apenas na escola, no entanto, esta, como instância social importante na sociedade, deve pautar-se cada vez mais na luta pela inclusão dentro e fora dos seus espaços, haja vista que a escola é um reflexo da sociedade.

Todos os benefícios e aprendizados que um ambiente lúdico proporciona aos alunos autistas e a todos os alunos, mostra-se como uma educação que está preocupada e engajada na luta pela inclusão e que também trazem contribuições significativas para o trabalho docente, resultando assim, em inúmeras oportunidades para que o professor repense, reelabore e ressignifique suas práticas educativas, sempre que se fizer necessário, tendo o aluno como foco maior para nortear suas ações em uma aprendizagem inclusiva, onde todos possam aprender juntos sem haver nenhuma exclusão, promovendo a inclusão entre todos e para todos, conforme legisla a Política Nacional de Educação Especial. Esta pesquisa trouxe contribuições significativas para o campo da inclusão do aluno autista a partir da perspectiva de práticas lúdicas,

trazendo subsídios positivos na compreensão do que é um estudante com autismo e como o lúdico pode contribuir em seu desenvolvimento psicomotor, um campo que ainda têm um longo caminho a ser percorrido e que pouco é explorado.

Referências

AGUIAR, J.S. Jogos para o ensino de conceitos. Campinas: Papyrus, 1998.

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. Ludicidade e educação infantil / Vera Lúcia da Encarnação Bacelar. Salvador: EDUFBA, 2009. 144 p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Atlas, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica / Secretaria de Educação Especial - MEC; SEESP, 2001. p. 79. Disponível em: Livro (mec.gov.br). Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso: 08 jul. 2023.

BOSA, Cleonice. Autismo: intervenções psicoeducacionais. In: Brazilian Journal of Psychiatry, maio/2006.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos? Ijuí, 2012 – Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita%20monografia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GIL, Antonio Carlos. Entrevista. In: Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 29 de jun. 2023.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica / Elisa Pereira Gonsalves. -- Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATOS, Marcela Moura. O lúdico na formação do educador: contribuições na educação infantil. **Cairu em Revista**. Jan 2013, Ano 02, nº 02, p. 133-142. Disponível em: http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2013_1/09_LUD_FOR_EDU_133_142.pdf f Acesso em: 31 de jun. de 2023.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. Autismo: guia prático / Ana Maria S. Ros de Mello; 7. ed colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. 6. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. 104 p. Dis-

ponível em: https://www.ufrgs.br/telessauders/documentos/biblioteca_em_saude/055_material_s_aude_livro_autismo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

MENDES, Maria Aline Silva. A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas. Brasília, 2015.

OLIVEIRA, Carolina. Um retrato do autismo no Brasil. A USP e a cidade de São Paulo. **Revista Espaço Aberto**, São Paulo, Abril 2015. Disponível em: <http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>. Acesso em: 24 mai. 2023.

SANTOS, Marli dos Santos (org). O lúdico na formação de educador. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

SASSAKI, Romeu K. Inclusão: o paradigma do século XXI. In: **Revista da Educação Especial**. Brasília. Secretaria de Educação Especial, v.1, n.1, outubro, p. 19-23, 2013.

SILVA, Daiana Cristina; VARANI, Adriana. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. R. Bras. Est. Pedag., Brasília, v. 91, n. 229, p. 511-527, set./dez. 2010.

SOUSA, Maria Josiane Sousa de. Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade. 2015. 34 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) —Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2015.

SUZUKI, Juliana Teles Faria [et al.]. Ludicidade e Educação. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

VAGULA, Edilaine; MALZINOTI, Sandra Cristina. Educação Inclusiva e Língua Brasileira de Sinais. Londrina: UNOPAR, 2014.

VYGOTSKY, L. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.